

**LINGUAGEM, CULTURA E PODER:  
REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA PRODUÇÃO TEXTUAL  
NO LIVRO DIDÁTICO**

*Maria Helena da Silva Freitas* (UNIGRANRIO)

[mahesi@ibest.com.br](mailto:mahesi@ibest.com.br)

*Jurema Rosa* (UNIGRANRIO)

[juremarosa@ig.com.br](mailto:juremarosa@ig.com.br)

**A língua se deduz da necessidade do homem de expressar-se, de exteriorizar-se. A essência da língua, de uma forma ou de outra, resume-se à criatividade espiritual do indivíduo.**

(Bakhtin, 1997, p. 289)

### **1. Introdução**

Não há como focalizar a escrita, sem antes buscar referência na linguagem, já que esta é responsável pelo processo comunicativo entre os homens. É através da linguagem que se descobre os caminhos que levam os indivíduos a interagirem e a registrarem os fatos como forma de expressão do pensamento. Partindo desse conceito visamos a reflexão do domínio da escrita como prática social num mundo globalizado, onde a essência da comunicação não está somente centrada na fala, mas também na escrita. É sobre a modalidade da linguagem falada e escrita, como também do trabalho educacional com alunos da escola pública do Rio de Janeiro no que tange a produção textual, é que se objetiva a refletir sobre o ensino da produção textual no livro didático sob o ponto de vista da linguagem enquanto interpretação da realidade falada ou escrita, entrelaçada as relações de cultura e poder situados num tempo em que a comunicação e interação entre os homens têm a influência da escrita.

Redigir sobre cultura, poder e linguagem não é tarefa fácil, pois tratam de assuntos extensos os quais provocam várias discussões, no entanto, é através das leituras de Foucault (2011), Azevedo (1996), Geertz (2008), Marcuschi (2010), Kleiman (2008), Koch (2011) e Bakhtin (2006) que se objetiva a refletir sobre cultura, poder e linguagem, porque estes temas influenciam na construção da identidade do indivíduo de forma cognitiva, psicológica, política e social e as leituras dos autores citados nos ajudarão a viabilizar a reflexão desses temas referente a escrita.

O presente artigo abordará os assuntos sobre cultura e poder em articulação com os usos da linguagem, procurando, brevemente, analisá-los e com isso contribuir para reflexão de novas análises em prol do aprimoramento do saber e do reconhecimento de que o indivíduo inserido numa sociedade interage com o outro, usufruindo de sua cultura, de seu poder e de sua linguagem.

A primeira seção aborda os significados de poder, cultura e linguagem, objetivando uma melhor compreensão desses conceitos para estabelecer uma articulação dos argumentos de Azevedo (1996), Foucault (2011), Geertz (2008), Kleiman (2008), Koch (2011), Bakhtin (2006) e Marcuschi (2010); a segunda apresenta os argumentos de Azevedo (1996), Bakhtin (2006) e Geertz (2008) no que tange a cultura e a linguagem do homem; a terceira relata as relações de poder, a quarta seção apresenta uma articulação dos assuntos sobre poder, cultura e linguagem nas relações humanas do mundo moderno.

## 2. *Significados e conceitos*

Para adentrarmos nos assuntos sobre poder, cultura e linguagem é preciso que reconheçamos o significado dessas palavras para um melhor entendimento desses conceitos e a partir disso podermos iniciar a nossa reflexão com base nos argumentos expostos.

Segundo Aurélio (1986) a palavra cultura originou-se do latim *cultura* e possui diversos significados, a saber:

1. Ato, efeito ou modo de cultivar;
2. v. cultivo;
3. O completo padrões de comportamento, das crenças, das instituições e doutros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característico de uma sociedade, civilização;
4. O desenvolvimento de um grupo social, uma nação, etc. que é fruto do esforço coletivo pelo aprimoramento desses valores, civilização, progresso;
5. Atividade e desenvolvimento intelectuais, saber, ilustração, instrução;
6. Apuro, esmero, elegância. (FERREIRA, 1986, p. 508)

Com relação ao vocábulo *linguagem* encontramos no Aurélio (1986) o seguinte significado:

- [Do provençal, *lenguatge*] 1. O uso da palavra articulado ou escrita como meio de expressão e de comunicação entre pessoas; 2. forma de expressão pela linguagem, própria de um indivíduo, grupo, classe; 7. Todo sistema de signos que serve de meio de comunicação entre os indivíduos e pode ser percebido pelos diversos órgãos dos sentidos, o que leva a distinguir-se uma linguagem visual, uma linguagem auditiva, uma linguagem tátil etc. ou ainda, outras

mais complexas constituídas, a mesmo tempo de elementos diversos. (FERREIRA, 1986, p. 1035)

A respeito da palavra *poder*, encontramos o seguinte conceito:

[do latim vulgar “potere” ] 1. Ter a faculdade de; 2. Ter a possibilidade de ou autorização para; 5. Ter força para; 8. Ter o direito, a razão, o motivo de; 12. Dispor de força ou autoridade; 16. Direito de deliberar, agir e mandar; 20. Domínio, influência, força; 21. Posse, jurisdição. (FERREIRA, 1986 p. 1351)

Como podemos ver, há diversas significações a respeito dos vocábulos cultura, linguagem e poder, contudo o que se pretende nesta seção é apresentá-los com seus significados para obtenção de um grau de entendimento melhor e assim podermos analisá-los em conjunto com a literaturas de Foucault (2011), Azevedo (1996), Geertz (2008), Marcuschi (2010), Kleiman (2008), Bakhtin (2006) e portanto refletirmos sob a luz de seus argumentos.

### **3. *Cultura e linguagem: aspectos sociais***

Fernando Azevedo (1996) no seu livro *Cultura Brasileira* relata que as palavras viajam, emigram de um povo para outro, atravessam as classes e os grupos sociais, originam-se da mentalidade particular dos grupos ou do gênio do povo, uniformizando a língua e modelando-a à sua imagem.

A linguagem permite ao homem uma interpretação da realidade seja na modalidade falada ou escrita. O homem como um ser pensante e social utiliza-se da linguagem para estabelecer comunicação e assim implantar a sua cultura perpetuando-a. Nesse sentido o homem vai construindo o seu mundo de acordo com a sua ideologia, crenças, costumes e linguagens.

Azevedo (1996) relata em seu livro a predominância de uma língua sobre a outra.

Das duas línguas que se falavam – a portuguesa que os meninos iam aprender na escola e a dos índios que se fala nas famílias, (...) a língua portuguesa (...) começou a predominar e a tornar-se língua geral. (AZEVEDO, 1986, p. 168)

A língua culta, penetrada até a medula do espírito da Metrópole, sob cuja influência direta ou indireta se formavam bacharéis e doutores, pairava demasiadamente alto, nas camadas sociais, para tomar consciência dessas transformações e se deixar influir ou penetrar-se delas. (AZEVEDO, 1986, p. 315)

Partindo da concepção de cultura Azevedo (1986) relata que a cultura se apresenta como o modo de vida social, parte do comportamento humano proveniente do meio exterior, material, intelectual, espiritual e histórico da organização dos diferentes povos.

Verifica-se que a aceção dada por Azevedo reflete a ideia de que cada povo de acordo com a sua organização social possui o seu modo peculiar de viver e que o meio influencia nas ações humanas seja no âmbito material, intelectual, espiritual, histórico e político.

Geertz (2008) argumenta que a linguagem falada não é o único instrumento disponível entre os indivíduos no meio cultural, pois por detrás dessa linguagem existe um sistema simbólico que canaliza a comunicação entre os homens.

... falar, no sentido específico de vocalizar sons, está longe de ser a única instrumentalidade pública disponível para indivíduos projetados num meio cultural preexistente. Fenômenos como o de Hellen Keller aprendendo a pensar através de uma combinação da manipulação de objetos culturais (...) ou uma criança que ainda não fala desenvolver o conceito de número ordinal ordenando duas linhas paralelas de blocos combinados demonstram que o essencial é a existência de um sistema simbólico visível, de qualquer espécie. (GEERTZ, 2008, p. 56)

Geertz (2008) também argumenta que tudo aquilo que é falado num discurso é carregado de significados, pois a cultura está inserida no discurso. Fazemos nossas construções de pensamento através das construções de pensamento dos outros; através da fala de alguém elaboramos as nossas construções de sentido para estabelecermos a comunicação.

Segundo Geertz (2008) a cultura é uma ciência interpretativa à procura de significados, pois ela ocorre na relação dos indivíduos entre si produzindo sentidos e significados.

... assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 2008, p. 4)

Geertz (2008) define o que entende por cultura

De qualquer forma, o conceito de cultura ao qual eu me atento não possui referentes múltiplos nem qualquer ambiguidade fora do comum, segundo me parece: ele denota um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. (GEERTZ, 2008, p. 66)

Para Geertz (2008) a cultura de um povo está relacionada nos símbolos, pois é através deles que os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seus conhecimentos e suas ações. Estes símbolos são quaisquer objetos, atos, acontecimentos, qualidades ou relações que servem como vínculos de comunicação permitindo aos homens interpretar sua situação no mundo.

Bakhtin (2006) relata que a língua é uma criação da sociedade, servindo de comunicação social e que no seu sentido prático carrega um conteúdo ideológico.

A língua, no seu uso prático é inesperável de seu conteúdo ideológico... (BAKHTIN, 2006, p. 96)

A língua é uma criação da sociedade, oriunda da intercomunicação entre os povos; constitui um subproduto da comunicação social... (BAKHTIN, 2006, p. 102)

Refletindo sobre os argumentos de Bakhtin (2006), podemos meditar que a língua é um produto da criação humana a qual possui um teor ideológico na medida em que os sujeitos se interagem com o meio e com os outros. A linguagem como mediadora de comunicação entre os homens possibilita a esses a criar o produto de comunicação, que neste caso é a língua (falada e escrita), como também a perpetuar a sua cultura através dessa criação, formando um conceito ideológico entre os povos.

Portanto, o pensamento de Azevedo (1996), Geertz (2008) e Bakhtin (2006) fazem-nos refletir que a cultura está relacionada à linguagem e esta às ações humanas as quais contribuem para o desenvolvimento do ser humano, para o domínio e controle entre os sujeitos e o mundo e perpetuação da espécie.

#### **4. O poder e suas relações**

O homem é um ser social que necessita do outro para compartilhar a vida e estabelecer relações de comunicação e poder. Inserido na sociedade o homem interage com o outro dando suporte, demandando, explorando e impondo seus direitos e deveres em relação ao outro; com isso o homem viabiliza as relações de poder.

Para Bakhtin a comunicação verbal implica em conflitos, em relações de dominação e resistência à hierarquia. A utilização da língua pela classe dominante reforça o seu poder sobre as demais. Logo a interação

verbal constitui um dos processos de poder entre os homens na medida em que concretizam a comunicação entre eles.

No livro “Vigiar e punir”, de Michel Foucault, aborda as relações de poder que a sociedade atribui aos indivíduos. Segundo Foucault (2011) o poder produz saber, pois ambos estão diretamente comprometidos, uma vez que não há relação de poder sem um campo de saber, assim como não há saber sem a constituição de poder.

Temos antes que admitir que o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. (FOUCAULT, 2011, p. 30)

Logo o poder, na visão de Foucault (2011) é uma produção que o indivíduo utiliza para sua realidade, seus rituais da verdade e para o seu conhecimento perante as relações sociais.

“Na verdade o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção”. (FOUCAULT, 2011, p. 185)

Baseando-se nos argumentos de Foucault (2011), Koch (2011), Bakhtin (2006) e Kleiman (2008) trataremos, brevemente, de alguns pontos os quais acreditamos serem relevantes, a luz das práticas sociais, em especial a linguagem escrita e as relações de poder.

Foucault argumenta as relações de poder como prática social constituída historicamente e esse poder não advém unicamente do sujeito, mas de um sistema de relações que formam o sujeito, como por exemplo, a religião, a cultura e a linguagem.

Partindo do pressuposto de que a linguagem estabelece comunicação entre os homens, viabilizando a interpretação de mundo e a interação social, verificamos que embutido na linguagem e nas relações sociais está o poder.

Encontramos o poder no discurso, no olhar, no uso da língua falada e escrita, nos gestos, nas manifestações de nossas ideias, nossos costumes e nossas criações. A maneira como usamos a linguagem é fundamental para o surgimento do poder, pois o poder da palavra, seja falada ou escrita, constrói ou destrói o homem em suas relações com o meio e com o outro.

Segundo Bakhtin (2006), a palavra carregada de significados possui um teor ideológico que penetra em todas as relações sociais, servindo de indicador de transformações sociais. Ao utilizar a palavra, seja oral ou escrita, o sujeito possui um domínio sobre o outro e aquele que é possuidor da palavra consegue transformar as relações sociais em prol de si mesmo ou em prol de uma coletividade. Portanto, a palavra como fenômeno ideológico a qual o homem utiliza para se comunicar com o ambiente em que vive e com o outro, estabelece relações de poder. O livro didático apropria-se dessas relações, uma vez que o uso da palavra está presente em todo o seu contexto.

“A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação.” (BAKHTIN, 2006, p. 38)

O homem como ser pensante, usa a palavra com uma intenção nas relações comunicativas para manifestar o seu poder e sua cultura numa sociedade heterogênea. É como explica Ingedore Koch.

Como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos e valor. Por outro lado, por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – tenta fluir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. (KOCH, 2011, p. 17)

Vivemos numa sociedade heterogênea onde há grupos que não dominam a linguagem escrita e há aqueles que dominam, os quais são chamados por Marcuschi (2000) de grupos de letrados, elites que detêm o poder social. Essa elite que forma uma pequena sociedade dentro de uma macro sociedade, impõe o seu domínio sobre os dominados seja nos aspectos econômicos, educacionais, religiosos, políticos, linguísticos e sociais. Quem tem a capacidade de se expressar sem nenhum desembargo, seja na fala ou na escrita detém o poder sobre o outro.

O domínio de outros usos e funções da escrita significa, efetivamente, o acesso a outros mundos, públicos e institucionais, como o da mídia, da burocracia, da tecnologia e por meio deles, a possibilidade de acesso ao poder. (KLEIMAN, 2008, p. 8)

Conforme o que foi exposto anteriormente, a escrita possibilita o acesso ao poder e as transformações sociais. O uso da linguagem oral ou escrita nas relações sociais, leva o homem a disseminar o seu conhecimento, impor a sua força seja ele física ou intelectual e disciplinar suas ações.

Segundo Kleiman (2008) a língua escrita tem uma herança literária de prestígio, que codifica, reproduz e divulga os valores culturais dos grupos de poder da comunidade.

Segundo Foucault, o poder dispõe de mecanismos disciplinares, tais como: a punição do corpo, a prisão da alma, o exame, a vigilância e o adestramento dos indivíduos. Poderemos encontrar esses mecanismos nas instituições escolares e religiosas, na família, no Estado e nas relações sociais como dispositivos de obediência entre os sujeitos.

Em resumo, pode-se dizer que a disciplina produz, a partir dos corpos que controla, quatro tipos de individualidade, ou antes uma individualidade dotada de quatro características: é celular (pelo jogo da repetição espacial), é orgânica (pela codificação das atividades), é genética (pela acumulação do tempo), é combinatória (pela composição das forças). E, para tanto, utiliza quatro grandes técnicas: constrói quadros; prescreve manobras; impõe exercícios; enfim, para realizar a combinação das forças, organiza “táticas”. A tática, arte de construir, com os corpos localizados, atividades codificadas e as aptidões formadas, parelhos em que o produto das diferentes forças se encontra majorando por sua combinação calculada é sem dúvida a forma mais elevada da prática disciplinar. (FOUCAULT, 2011, p. 161)

O indivíduo é sem dúvida o átomo fictício de uma representação “ideológica” da sociedade; mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama a “disciplina”. (FOUCAULT, 2011, p. 185)

Enfim, através das relações sociais tendo como mediadora da comunicação a linguagem oral ou escrita; é que se manifesta o poder, pois é a partir do contato com o outro que o homem interage, desenvolve o seu conhecimento, adquire valores, reproduz cultura, controla os sujeitos, impõe domínio, disciplina os indivíduos e assim organiza a sociedade a qual pertence.

## 5. *Poder, cultura e linguagem*

O objetivo desta seção é fazer uma breve articulação das leituras de Azevedo (1996), Foucault (2011), Geertz (2008), Kleiman (2008) e Marcuschi (2010) com relação ao exercício do poder no uso da linguagem e da cultura no mundo moderno.

Verificamos que a obra de Azevedo *Cultura Brasileira* apresenta as características particulares da cultura brasileira em referência ao progresso, ao desenvolvimento social e a formação cultural do povo brasileiro. Mediante todas essas particularidades brasileiras há a presença de



dois fatores que contribuíram para a formação e perpetuação desse povo: o poder e a linguagem.

A imposição de uma língua oficial, que neste caso é a língua portuguesa oriunda de Portugal, sobre uma outra língua já existente (a tupi-guarani dos povos nativos) na formação do povo brasileiro constitui uma das formas de relações de poder.

Além da invasão do espaço territorial dos nativos pelos colonizadores portugueses, da posse dos bens materiais e da exploração da mão-de-obra dos nativos, o colonizador através da força física e da linguagem persuasiva impôs a sua cultura, a sua linguagem e a sua crença perante o colonizado. Podemos refletir que o colonizador português estabeleceu relações de poder sobre os habitantes das terras descobertas, que neste caso é a terra brasileira.

Geertz no seu livro *A interpretação das culturas* apresenta algumas situações de poder do homem na sociedade.

#### A capacidade do homem em transmitir conhecimento.

O homem se tornou homem, continua a história..., ele foi capaz de transmitir “conhecimento, crença, lei, moral, costumes” a seus descendentes e seus vizinhos através do aprendizado. (GEERTZ, 2008, p. 34)

#### O pensamento como um ato público

Com efeito, o pensamento como um ato aberto, público, que envolve a manipulação propositada de materiais objetivos, é provavelmente fundamental para os seres humanos; o pensamento como um ato privado, oculto, sem recorrer a tais materiais, parece ser uma capacidade derivada, embora não inútil. (GEERTZ, 2008, p. 56)

#### A religião como forma de controle.

A religião é sociologicamente interessante não porque, como o positivismo vulgar o colocaria, ela descreve a ordem social (e se o faz é de forma não só muito oblíqua, mas também muito incompleta), mas porque ela – a religião – a modela, tal como o fazem o ambiente, o poder político, a riqueza, a obediência jurídica, a afeição pessoal ... (GEERTZ, 2008, p. 87)

#### A ideologia e suas relações de poder.

Por outro lado, a perspectiva de que a ação social é fundamentalmente uma luta interminável pelo poder leva a uma visão indevidamente maquiavélica das ideologias como forma de uma grande astúcia e, conseqüentemente, a negligenciar suas funções sociais mais amplas e menos dramáticas. A imagem da sociedade como campo de batalha onde o choque de interesses, mal disfarçado como choque de princípios, desvia a atenção do papel que as ideologias desempenham ao definir (ou obscurecer) as categorias sociais, ao estabilizar (

ou perturbar) as expectativas sociais, ao manter ( ou dismantelar) as normas sociais, ao fortalecer ( ou enfraquecer) o consenso social, ao aliviar ( ou exacerbar) as tensões sociais. (GEERTZ, 2008, p. 113)

Portanto, a obra de Geertz, além de focalizar a cultura no seu sentido geral, aborda também as relações de poder. Pois, inseridos na cultura, há a religião, a linguagem e o saber dos povos os quais contribuem para a existência do poder entre os homens.

Foucault (2011) relata sobre o poder nas relações sociais. Para que o poder exista é necessário que haja uma relação social entre os sujeitos. A linguagem como um sistema de símbolos faz parte da cultura, portanto ela é uma fonte de poder nas relações humanas.

A linguagem confere à perpétua ruptura do tempo a continuidade do espaço, e é na medida em que analisa, articula e recorta a representação que ela tem o poder de ligar através do tempo o conhecimento das coisas. (FOUCAULT, 2011, p. 160)

Kleiman (2008) em seu livro, *Os Significados do Letramento*, argumenta que o letramento constrói relações de identidade e de poder.

O letramento é aqui considerado um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e de poder. (KLEIMAN, 2008, p. 11)

Marcuschi (2010) relata no seu livro, *Da Fala para a Escrita*, que a escrita se tornou um bem social indispensável nas relações cotidianas, adquirindo um valor de *status* e simbolizando o poder.

Numa sociedade como a nossa, a escrita, enquanto manifestação formal dos diversos tipos de letramento é mais do que uma tecnologia. Ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia a dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural. Neste sentido, pode ser vista como essencial à própria sobrevivência no mundo moderno. Não por virtudes que lhe são imanentes, mas pela forma como se impôs e a violência com que penetrou nas sociedades modernas e impregnou as culturas de um modo geral. Por isso, friso que ela se tornou indispensável, ou seja, sua prática e avaliação social a elevaram a um status mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder. (MARCUSCHI, 2010 p. 16-17)

Koch (2011) relata, em sua obra *Ler e Escrever: Estratégias de Produção Textual*, que a escrita era de difícil acesso assim como uma atividade destinada a alguns poucos privilegiados, mas que atualmente, ela faz parte de nossa vida, devido a necessidade de sermos constantemente solicitados a escrever. A escrita nos dias de hoje é essencial para que o conhecimento seja generalizado, o que não acontecia tempos atrás,

pois as informações de sua relevância na vida e a sua prática nas relações sociais era destinados a um pequeno grupo de escrivães ou escritores os quais, há um tempo atrás, detinham o poder de escrever; o que dificultava o acesso ao ato da escrita para os grupos não privilegiados.

Se houve um tempo em que era comum a existência de comunidade ágrafas, se houve um tempo em que a escrita era de difícil acesso ou uma atividade destinada a alguns poucos privilegiados, na atualidade, a escrita faz parte de nossa vida, seja porque somos constantemente solicitados a produzir textos (bilhete, e-mail, lista de compras etc.), seja porque somos solicitados a ler textos escritos em diversas situações do dia-a-dia (placas, letreiros, anúncios, embalagens, e-mail, etc.). (KOCH, 2011, p. 31)

Bakhtin argumenta que a palavra é ideológica faz parte da relação social e é o indicador das transformações sociais.

... a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais...

Portanto, os argumentos de Azevedo (1996), Foucault (2011), Geertz (2008), Kleiman (2008), Koch (2011), Marcuschi (2010) e Bakhtin (2006) contribuíram para uma análise reflexiva das relações de poder embutidas na cultura, na linguagem e nas ações humanas, pois é nas relações sociais que o homem interage, difundindo sua linguagem, sua cultura, seu conhecimento e seu poder de dominação e controle sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo que o cerca.

## **6. Considerações finais**

Os assuntos sobre cultura, poder e linguagem não se esgotam neste artigo, já que eles provocam muitas reflexões e discussões. Contudo, esperamos que neste trabalho tenha levado o leitor a reflexão dos assuntos propostos e a partir destes captar algumas ideias na possibilidade de formar outras, já que os temas sobre poder, cultura e linguagem fazem parte de nossas relações sociais e portanto não podemos deixar de refletir sobre as mesmas.

Buscamos apoio nas leituras de Azevedo (1996) o qual apresenta uma ideia de cultura e formação do povo brasileiro, Foucault (2011) que retrata as relações de poder na sociedade, Geertz (2008) o qual apresenta a cultura como um processo de manifestação e perpetuação de uma na-

ção, Kleiman (2008) e Marcuschi (2010) relatam que o domínio da linguagem, em especial a escrita, como prática social, possibilita o acesso a outros mundos e simboliza o poder, Koch (2011) defende a ideia de que a escrita, nos dias atuais, faz parte de nossas vidas, já que constantemente somos solicitados a escrever e Bakhtin (2006) apresenta o poder da palavra nas relações sociais como um fator ideológico.

Esperamos que os assuntos propostos neste trabalho, juntamente com os argumentos e citações expostas, tenham possibilitado um olhar reflexivo sobre as relações de poder que envolvem a cultura e a linguagem de um povo, assim como a relevância em refletir sobre o trabalho da produção textual em livros didáticos, já que estes trabalham com a modalidade escrita.

O objetivo foi apresentar uma breve reflexão do uso da linguagem na modalidade escrita, seja nos ambientes educacionais ou sociais, como fonte de poder nas relações humanas e a partir dessa reflexão, criar novas reflexões quanto ao uso desta modalidade nesses ambientes; já que esta torna-se primordial nas práticas sociais devido a utilização constante e em massa dos meios midiáticos como também a grande necessidade do homem em ampliar e aprimorar seus conhecimentos.

É através das relações sociais que se manifestam as relações de poder, pois esta não se efetiva se aquela não existir. As relações de poder se manifestam à medida que o indivíduo se relaciona com o outro, impondo suas ideias, seu saber, sua cultura e sua linguagem; e é nisso que temos que ficar atentos, na função de educador quando fazemos a escolha do livro didático para os nossos alunos, pois estamos diante de uma plateia que deposita em nós, enquanto educadores, os seus sonhos, os seus anseios, as suas dúvidas e os seus medos de expressão.

Verificamos que o poder se relaciona com a cultura que se relaciona com a linguagem e esta possibilita ao homem representar o seu mundo, construindo relações entre os sujeitos os quais formam uma sociedade.

Enfim, que possamos refletir que o poder, a cultura e a linguagem estão interligados na formação humana e contextualizados nas relações sociais e que na função de educador temos esse poder perante aos nossos alunos; mas, cabe a nós agir com sabedoria, nas escolhas do livro didático, nas aulas ministradas por nós e no nosso relacionamento com o outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Fernando. *Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BAKHTIN, Mikhail (V. N. Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad.: Michel Lauch e Iara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Trad.: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FERREIRA, Aurélio B. H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad.: Raquel Ramallete. 39. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad.: Salma Tannus Muchail. 9. ed., 3ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1. ed., 13ª impr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

KLEIMAN, Ângela B. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. 10ª reimpr. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.